

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRAL DE LETRAS E ARTES
INSTITUTO VILLA-LOBOS
LICENCIATURA EM MÚSICA

ENSINO DE TROMPETE A DISTÂNCIA (EAD) E PRESENCIAL: DIFERENÇAS E
POSSIBILIDADES

THIAGO BARBOSA DA MOTA GARCIA

RIO DE JANEIRO

2020

Thiago Barbosa da Mota Garcia

Ensino de trompete a distância (EAD) e presencial: diferenças e possibilidades

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Villa-Lobos do Centro de Letras e Artes da UNIRIO, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Música sob orientação do Professor Gilson Santos.

Rio de Janeiro
2020



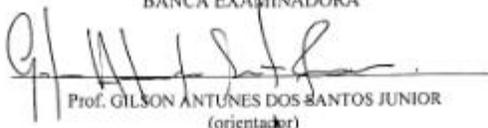
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
Centro de Letras e Artes - CLA Instituto Villa-Lobos - IVL
Curso de Licenciatura em Música

"ENSINO DE TROMPETE À DISTÂNCIA (EAD) E PRESENCIAL: DIFERENÇAS E
POSSIBILIDADES"

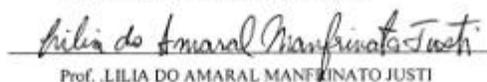
por

THIAGO BARBOSA DA MOTA GARCIA

BANCA EXAMINADORA


Prof. GILSON ANTUNES DOS SANTOS JUNIOR
(orientador)


Prof. MARCO TÚLIO DE PAULA PINTO


Prof. LILIA DO AMARAL MANFRINATO JUSTI

Nota: 10,0 (dez)

JANEIRO DE 2020

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, pela paciência e apoio irrestritos.

Ao meu orientador, Gilson Santos, pelo conhecimento transmitido.

RESUMO

GARCIA, Thiago Barbosa da Mota. Rio de Janeiro, 2020. *Ensino de trompete a distância (EAD) e presencial: diferenças e possibilidades*. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Música) — Instituto Villa-Lobos, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

Com o surgimento de novas tecnologias e novos jeitos de se relacionar, o mundo foi atingido por diversas mudanças e a pedagogia precisou acompanhar esse ritmo, dessa maneira, o ensino a distância vem se tornando, cada vez mais, um protagonista do ensino. Sendo assim, se vê necessário entender o que existe de diferente, se é que existe algo de diferente, no ensino a distância, uma vez que a distância física entre aluno e professor pode acabar criando uma dinâmica completamente diferente de ensino. Ao realizar entrevistas com o intuito de entender o que mudava ou se mantinha igual na abordagem dos conceitos fundamentais do trompete, percebeu-se que a mudança está no uso de cada modalidade de ensino e não na pedagogia do trompete em si. O percurso percorrido para chegar a essa conclusão envolveu a pesquisa da história do ensino dos instrumentos de sopro no Brasil, a busca sobre diferenças entre ensino presencial e EAD em bibliografia especializada e reflexão sobre qual seria o melhor método de abordagem para a aproximação da realidade do ensino de trompete presencial e EAD. Usou-se pesquisa qualitativa e o método de entrevista não-diretiva para conversar com dois professores renomados do ensino de trompete e chegar a conclusão de que o EAD pode ser muito benéfico para a especialização de regentes-professores de banda – figura muito difundida no ensino de instrumentos de sopro no Brasil.

Palavras-chave: ensino de instrumentos de sopro via EAD; ensino de trompete; diferenças EAD e presencial; pesquisa qualitativa.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 – SOBRE INSTRUMENTOS DE SOPRO, POSSIBILIDADES DO EAD E O ENSINO DE TROMPETE.....	3
1.1 Histórico do aprendizado de instrumentos de sopro.....	3
1.2 Considerações sobre ensino presencial, a distância e informação	5
1.2.1 Questões sobre o EAD.....	7
1.2.2 Sobre a informação e sua disseminação	10
1.3 Aproximando-se da realidade do ensino de trompete	11
1.4 Concluindo o primeiro capítulo.....	12
CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA DE ENTREVISTA QUALITATIVA E NÃO-DIRETIVA.....	13
2.1 Entrevistas	14
2.1.1 Entrevistado 1 – Ricardo.....	14
2.1.2 Entrevistado 2 – Alexandre.....	16
2.2 Reflexões sobre as entrevistas	19
2.3 Concluindo o capítulo 2	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
REFERÊNCIAS.....	24

INTRODUÇÃO

Com o advento da internet, o mundo se deparou com inúmeras novas formas de se comunicar e, na esteira disso, também surgiram maneiras inéditas de transmitir conhecimento. Tendo a grande rede quebrado diversas fronteiras, tanto físicas quanto sociais, a pedagogia musical se viu no papel de acompanhar esses avanços. Muitos professores particulares migraram para o ambiente virtual, pois viram ali uma maneira diferenciada de trocar conhecimento com os alunos..

Com o crescimento exponencial do EAD, é de suma importância compreender as diferenças das modalidades e suas abordagens. Todavia, é um processo de adaptação, visto que o ensino a distância (EAD) vem sendo usado tanto no ensino acadêmico, a exemplo do curso de Licenciatura em Música a Distância da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, quanto no ensino particular, vide dezenas de cursos on-line que apareceram nos últimos anos.

Inicialmente a pesquisa previa foco na pedagogia do trompete, instrumento que exige dos que a ele se dedicam, atenção a diversos aspectos físicos para um melhor desempenho, e por isso, a preocupação em como esta ocorreria no ambiente virtual de ensino. Porém, ao realizar entrevistas com o intuito de entender o que mudava ou se mantinha igual na abordagem dos conceitos fundamentais do trompete, percebeu-se que a mudança está no uso de cada modalidade de ensino e não na pedagogia do trompete em si.

O percurso percorrido para chegar a essa conclusão envolveu a pesquisa da história do ensino dos instrumentos de sopro no Brasil, busca sobre diferenças entre ensino presencial e EAD em bibliografia especializada e reflexão sobre qual seria o melhor método de abordagem para a aproximação da realidade do ensino de trompete presencial e EAD. Escolheu-se a pesquisa qualitativa e o método de entrevista não-diretiva para conversar com dois professores renomados de trompete. O formato não diretivo permitiu aos professores se expressarem livremente e trouxe à pesquisa questões não esperadas pelo pesquisador. Desta forma, a questão inicial de pesquisa se transforma e deixa de pensar em diferenças na pedagogia do trompete para pensar que o EAD de trompete pode servir a casos específicos a serem avaliados por professor e

aluno, segundo suas intenções com o aprendizado deste instrumento. Devido ao histórico do ensino de instrumentos de sopro no Brasil, esta pesquisa apontou que o EAD pode ser de grande utilidade para especializar regentes-professores – figuras comuns deste cenário musical e também pode ter grande valia quando este regente-professor torna-se professor-tutor do aluno que tem o aprendizado de instrumento de sopro em cenário coletivo de banda (seja ela escolar, militar ou religiosa).

CAPÍTULO 1 – SOBRE INSTRUMENTOS DE SOPRO, POSSIBILIDADES DO EAD E O ENSINO DE TROMPETE

Com o objetivo de pensar as diferenças no estudo do trompete presencialmente e a distância buscou-se, primeiramente, na história do ensino dos instrumentos de sopro a base para pensar metodologias de ensino a fim de descobrir se a modalidade a distância traz algum diferencial em relação à modalidade presencial. Depois, teceram-se considerações sobre o ensino presencial e a distância para explorar com maior detalhamento a questão central deste estudo. Além disso, foi feita uma aproximação do tema via entrevista com dois professores de trompete para explorar a experiência de cada um deles, variações das duas modalidades no ensino musical e averiguar se há diferença entre elas.

1.1 Histórico do aprendizado de instrumentos de sopro

Segundo o estudo de Serafim (2014), o ensino de instrumentos de sopro é normalmente feito por um regente-professor não especializado em um único instrumento e que obtém o conhecimento de vários instrumentos por ter feito parte de banda de música desde pequeno. Mesmo não sendo uma regra, a figura deste professor não especializado espalha-se por grande parte do território nacional, especialmente no interior e em lugares mais distantes dos grandes centros. Por outro lado, o professor-regente que é especializado no ensino de um único instrumento, ao entrar em contato com a realidade do ensino de música através de bandas (escolares, militares, religiosas etc.) acaba por não conseguir aplicar metodologias adequadas a estas. Isto porque, em sua formação, este profissional não é ensinado a ministrar aula em bandas e este acaba descolado do que é padrão no ensino de música, especialmente no ensino de instrumentos de sopro.

Para entender o porquê as bandas têm papel predominante no cenário nacional de ensino de instrumentos de sopro, Serafim (2014) traz um panorama histórico no qual mostra que desde os tempos da colonização o ensino de instrumentos de sopro teve caráter coletivo. Os instrumentos de sopro se mostraram mais adequados para substituir os instrumentos indígenas no processo de catequese e, o ensino deste tinha um caráter coletivo. Há indícios dessa substituição

tanto pela produção de instrumentos de sopro no Brasil com materiais que os indígenas estavam acostumados, como na importação de instrumentos de sopro da Europa – fato evidenciado em documentos oficiais.

Em momento posterior, o ensino de instrumentos de sopro foi feito a escravos por famílias abastadas com a intenção de mostrar seu poderio à sociedade. A presença de escravos *choromelleyros* era coisa de bom tom e sinal de distinção. Esses escravos passariam, então, a montar bandas. Inicialmente tornaram-se famosas as bandas de barbeiros – ofício que permitia tempo livre a esses escravos – depois estes escravos ficaram conhecidos por fazerem parte das **bandas de fazendas**.

Nessas bandas o caráter do ensino de música era também coletivo e oral. “Como apenas um mulato entre os escravos sabia ler e escrever [...] se presume então que todos incluindo os músicos eram analfabetos e o ensino da música era feito praticando com os que já sabiam” (LANGE APUD SERAFIM, 2014, p.23). O aprendizado também se dava em tempo livre, o que trazia também liberdade ao repertório. Por isso, as bandas tiveram função vital para a construção de identidade da música popular brasileira.

Os Barbeiros tinham uma formação diferenciada dos conjuntos negros de propriedade dos senhores. Por serem negros libertos e terem outra profissão, utilizavam a música também como forma de lazer. Devido a essa liberdade na produção musical, produziam uma música mais livre, de gênero e orquestração própria. Esta produção musical teria no futuro uma significativa importância, considerada como a origem de nossa música popular, justamente porque ela era para atender os anseios da nova camada social. No século XVIII, as bandas de barbeiros seriam indispensáveis para quaisquer festas populares, precedendo o que seriam as bandas de música. Elas existiram até meados do século XIX, estendendo-se mais um pouco no estado da Bahia (NASCIMENTO APUD SERAFIM, 2014, p.25).

As bandas tiveram grande influência no século XIX, especialmente em Minas Gerais e Rio de Janeiro. Junto a este cenário, observou-se também a formação de bandas militares. A Guarda Nacional, formada por exército organizado por grandes latifundiários, criou sua banda e esta posteriormente viria a ser chamada de Banda Militar. Além das bandas militares, num cenário em que a escravidão ia aos poucos oficialmente chegando a seu fim, a comunidade – incluindo negros libertos – começou a se organizar em sociedade civil para manter bandas de música.

O ensino particular de instrumentos de sopro era provavelmente existente anteriormente, porém, a vinda da família real estimulou a prática, o que também foi ampliado com a construção de teatros, estruturação de orquestras, execução de óperas e vinda de músicos europeus de destaque.

Embora o ensino particular de instrumentos de sopro perdure até os dias de hoje, é aparente que esta foi uma prática secundária, pois, desde os primórdios citados neste artigo, era comum que ele fosse realizado em um ambiente de aprendizado coletivo, diretamente vinculado a algum grupo musical (SERAFIM, 2014, p. 28).

A tradição das bandas, então, deixa resquício em nossa cultura, sendo até hoje a realidade de grande parte do território e o ambiente de aprendizado de muitos, em especial no que tange ao aprendizado de instrumentos de sopro.

O que se apreende deste histórico é que o ensino coletivo via regente-professor é a realidade da maior parte das pessoas que aprendem um instrumento de sopro no Brasil e que metodologias de aprendizado coletivo podem beneficiar muita gente. Esta informação será utilizada mais adiante para a construção do argumento central desta monografia.

1.2 Considerações sobre ensino presencial, a distância e informação

Uma das grandes questões que envolvem a modalidade de ensino a distância é sua comparação com o ensino presencial. Porém, há de se considerar que o ensino a distância em si possui diversos formatos e que mesmo antes do advento da internet ele já era possível. Segundo Mehlecke e Tarouco (2003) a transição do ensino a distância de um mero substituto do ensino presencial para um verdadeiro ambiente de ensino que contemple uma nova forma de aprendizado precisa superar a unidirecionalidade da transmissão de informação, normalmente baseada em numa interação virtual fria via formulários, rotinas, provas, e-mail e de lógica individual e partir para a interatividade participativa de lógica grupal.

É necessário para pensar a educação a distância observar as diferenças entre disseminação de informação, apoio ao aprendizado e criação de conhecimento.

Segundo esta afirmação de Valente (2011),

pensar que na web é possível encontrar pessoas dispostas a auxiliar os aprendizes no seu processo de aprendizagem é assumir uma visão romântica de como as pessoas e as comunidades atuam. O que encontramos na rede são pessoas disponibilizando informação por meio da publicação de artigos nos portais pessoais, a criação de blogs discutindo os mais diversos assuntos, ou seja, uma vasta distribuição de informação. A questão é como encontrar pessoas na web dispostas a interagir com aprendizes, mediando o processo individual de construção de conhecimento (VALENTE APUD GOHN 2013, p.29).

Assim, entende-se que a disseminação de informação, característica da internet e do acesso remoto a conteúdos de ensino musical, não necessariamente estão construindo conhecimento. Então, ao analisar a modalidade de ensino a distância, deve-se especificar o que se quer entender por ou qual tipo de processo ensino-aprendizagem se está falando. Ressalta-se que, a qualidade das interações entre professor e aluno é mais importante que a valorização da quantidade de alunos atendidos (GOHN, 2013). Logo, na análise empreendida, atentar-se à qualidade da interação aluno-professor é ponto central. Desta forma, seja presencialmente ou a distância, o que conta é a percepção das possibilidades de interação de qualidade entre os interessados.

É possível perguntar também se, com o crescimento exponencial do ensino a distância, há uma banalização da educação musical. E já que o trompete é o foco, entende-se necessário lançar um olhar mais especializado sobre a pedagogia aplicada em dois casos, quais sejam, pedagogia presencial de ensino do trompete e pedagogia a distância do ensino de trompete. Existem diferenças? Se sim, quais? É possível classificar se uma modalidade é melhor que a outra? A mudança de modalidade muda a prática do professor?

Esta pesquisa se faz necessária por existirem poucas publicações com análise entre EAD e presencial no âmbito dos instrumentos de sopro, especialmente no ensino do trompete. Uma análise mais detalhada pode ajudar futuros educadores. Sabendo o que pode dar certo e o que pode dar errado é possível colaborar com uma melhora dos cursos. Perguntas como: será que esse exercício ensinado a distância fica melhor? Como avaliar a postura a distância? E o som? Há alguma atividade específica a ser feita para avaliação do som no EAD? Estas são algumas perguntas que podem ser respondidas e podem colaborar com o EAD de trompete.

1.2.1 Questões sobre o EAD

Já que a pergunta de pesquisa envolve o EAD, torna-se necessário discutir um pouco sobre o que seja realmente o EAD e também pensá-lo em comparação com o ensino presencial. O avanço do EAD tem conexão com o avanço da tecnologia em conjunto com sua disseminação em diversas camadas da sociedade, possibilitando o alcance dos que estão distantes geograficamente e também daqueles que também possuem menos recursos financeiros.

Segundo Nunes (1994, apud ALVES, 2007, p. 84),

novas abordagens têm surgido em decorrência da utilização crescente de multimídias e ferramentas de interação a distância no processo de produção de cursos, pois com o avanço das mídias digitais e da expansão da internet, torna-se possível o acesso a um grande número de informações, permitindo a interação e a colaboração entre pessoas distantes geograficamente ou inseridas em contextos diferenciados.

No entanto, o EAD não significa ensino *online* e Peters *apud* Mehlecke e Tarouco (2003, p. 3) lista alguns modelos de EAD reproduzidos aqui com a finalidade de mais adiante observar as diferentes possibilidades para o EAD de instrumentos de sopro, em especial o de trompete.

- § Ensino por correspondência: material impresso (livros didáticos).
- § Ensino a distância clássico: material diversificado como material impresso, televisão, rádio, audiovisuais, tutores.
- § Ensino a distância com base na pesquisa: caracterizado pela leitura de cursos de ensino a distância impressos e na frequência parcialmente obrigatória em seminários. Concede apenas o grau superior ou de mestre.
- § Ensino a distância grupal: programações didáticas por rádio e televisão associadas a atividades regulares obrigatórias, com presença.
- § Ensino a distância autônomo: planejar, organizar e implementar isoladamente. A universidade apenas aconselha, incentiva, assiste e fornece certificado.
- § Ensino a distância por teleconferência: oferecido por um consórcio de universidades para estudantes das universidades-membro e também a outras instituições.
- § Ensino a distância com base em quatro formas de teleconferência: podem participar estudantes avulsos e grupos de estudantes em seus locais de trabalho, ligados por sua vez à atividade docente das universidades que cooperam com o projeto.

Uma característica evidente e que diferencia as modalidades de ensino a distância envolvem o grau de autonomia do aluno. A depender da modalidade o aluno necessita maior autodisciplina, o que necessariamente muda o tipo de metodologia a ser utilizada.

Segundo Alves (2007), os primeiros registros de EAD no Brasil datam do final do século XIX, quando existiam anúncios de datilografia por correspondência nos jornais, entretanto, o marco de referência oficial é a instalação das Escolas Internacionais em 1904 (ALVES, 2007). Com a popularização do rádio, o EAD ganhou novos contornos, a fundação da Rádio Sociedade em 1923 difundiu uma gama enorme de programas educativos em todo o Brasil, sendo pioneira nesse campo.

Nos anos 60 e 70 ocorreram incentivos para o EAD via televisão, o que contribuiu para o surgimento de diversas transmissões educacionais de qualidade, com destaque para os telecurtos, programação criada pela Fundação Roberto Marinho que ajudou uma parte da população a conseguir uma certificação válida.

Segundo Westermann (2010) existem diversos exemplos de iniciativas de EAD no campo música que merecem citação, primeiramente, o curso de violão por correspondência do Instituto Universal Brasileiro (IUB), onde, além de mídias impressas e do envio de exemplos de áudio e vídeo, o aluno pode tirar suas dúvidas através do correio. Westermann cita também cursos online oferecidos por escolas particulares de música, “que oferecem material *online* restrito, acessível mediante pagamento, ou livre acesso” (WESTERMANN, 2010, p150).

Nos dois casos citados, são instituições que elaboram o curso. Westermann (2010) também dá destaque a uma modalidade às vezes ignorada nesse debate, antes da popularização da internet, muitos músicos deram os primeiros passos nas “revistinhas de cifras” que, mesmo ainda sendo encontradas nas bancas, evoluiu atualmente para o site de cifras. De acordo com Westermann, esses exemplos também são considerados educação a distância, pois são materiais formulados “por um professor e utilizados por alunos que buscam aprender algo. [...] A principal diferença aqui está no fato de que, nestes casos, não existe interação entre professor e aluno e este último possui autonomia total em seu processo de aprendizagem” (WESTERMANN, 2010, p.151).

Como dito anteriormente, a qualidade da interação professor-aluno é muito importante quando se pensa o EAD. Nas modalidades em que a autonomia do aluno é maior, é necessário garantir que o contato professor-aluno seja mais efetivo. Para isso, a metodologia deve prever um passo-a-passo que permita ao aluno percorrer sozinho um caminho que lhe traga

dúvidas e, ao mesmo tempo, lhe permita fazer experimentações e deixar de lado a característica mais passiva comum ao ensino presencial.

Um plano adequado de aulas e exercícios traz ao aluno a oportunidade de ter uma interação qualificada com o professor e este poderá tirar bom proveito do encontro para não só sanar dúvidas como para que o professor possa ver problemas de evolução que o aluno pode estar enfrentando sem ter percebido. Nesse contexto, qual a função do professor no EAD?

Segundo Oliveira *et al.* (2017), há a necessidade de pensar quem é o docente no EAD. E citando Mill (2006) indica que a resposta é um *polidocente*. Dando a dimensão de que se trata de um grupo de profissionais e não de uma figura única e centralizada no autor de conteúdos que figurarão nos materiais de aula.

A equipe de oferta de um curso pela educação a distância conta com: uma coordenação geral; uma coordenação pedagógica; uma coordenação tecnológica ou coordenação de informação e comunicação; um coordenador para cada curso oferecido na instituição; um coordenador para cada disciplina, responsável pela elaboração do conteúdo e também pelas atividades dos tutores vinculados às disciplinas. Em muitos casos, esses profissionais são chamados de “professor autor”; um grupo de tutores geralmente divididos em tutores virtuais e tutores presenciais; técnicos e monitores (MILL APUD OLIVEIRA ET AL, 2017).

Observa-se através desta descrição que a estrutura EAD necessita de diferentes profissionais, daquele que produz o conteúdo em si, àquele que acompanha o aluno diretamente ao longo do curso, o chamado professor-tutor. O professor-tutor tem tarefa central no processo EAD e a ele cabe uma tarefa difícil, mas, que define o bom andamento da construção do saber via EAD.

A tarefa do tutor é desafiadora e complexa e necessita ser orientada. Sendo assim, a formação especializada da equipe de tutores virtuais é fundamental para que a proposta de EAD de uma instituição possa ser implementada a contento. Nesse cenário, cabe discutir quais os saberes necessários para um tutor virtual em cursos de habilidade específica; nesse caso distinto, a educação musical (ABREU-E-LIMA e ALVES APUD OLIVEIRA ET AL, 2017).

Com este pequeno panorama pode-se entender que o EAD precisa especificar bem o perfil de estudante que quer atingir para assim criar os melhores recursos e metodologias. Dentro do curso há mais de um professor. Há o que cria os conteúdos, a coordenação pedagógica e o professor-tutor. Este é o profissional que mais precisa ser capacitado, afinal, não somente ele

estará em contato direto com o estudante e terá de criar formas de manter este estudante ativo – estimulando sua participação, como será responsável pelos *feedbacks* ao aluno, à coordenação e aos professores-autores. E, assim, se torna mais claro uma grande diferença do ensino presencial para o EAD: a multidirecionalidade da informação. Esta se desprende do modelo unidirecional que normalmente é o padrão do ensino presencial no qual o professor fornece a informação e o aluno a recebe, e isto ainda é verdadeiro mesmo que o ensino de música em sua parte prática saia um pouco desse esquema no qual o aluno fica mais passivo no processo de aprendizagem.

1.2.2 Sobre a informação e sua disseminação

Dentro do tema analisado, torna-se importante destacar que conteúdo musical disseminado *online* e, às vezes, até vendido como curso, nem sempre é de fato um processo de construção de conhecimento. Essa é uma questão que transcende o escopo do EAD, porém, nesse contexto ganha grande destaque. A transmissão de informação pura e simples, sem *feedback* ou formas de avaliar o conhecimento adquirido não pode ser considerada capacitação.

Como já pontuado antes, a multidirecionalidade tem grande papel no EAD e o professor funciona melhor nesses casos se atuar como orientador, contextualizando questões e direcionando a enxurrada informacional. Segundo Gohn (2014), a ideia do professor que busca a informação e a transmite perde um pouco do sentido quando o próprio aluno é que está no papel de buscador de informações. A troca entre ambos, por meio de interação qualificada, é o que cria a possibilidade da construção sólida do conhecimento. No caso do ensino musical, a orientação para que se evite a perpetuação de vícios de execução logo que estes apareçam é mais significativo que uma eventual pretensão de que o aluno siga um passo-a-passo que por ventura seja inadequado ao ritmo individual do aluno.

Assim, há de se destacar que em alguns casos, como se pode ver em plataformas como o YouTube ou similares, de caráter unidirecional, são grande vantagem a quem busca novas informações e até mesmo criam demanda de estudos, já que estimulam muitos novos interessados pela facilidade de acesso a informação. Porém, dado que não permitem a quem passa aquele conteúdo ou a um monitor/tutor a avaliação do resultado, não podem ser considerados capacitação, especialização ou curso que tenha caráter oficial e conceda grau.

Além disso, estar atento aos pontos estratégicos do EAD; discuti-los com profundidade necessária para entender seus objetivos e forma de transmissão; nexos entre o que é proposto e a disponibilidade tecnológica; a população-alvo dos cursos ofertados; formação e organização dos projetos pedagógicos e os métodos de avaliação de aprendizagem é essencial para pensar a efetividade do EAD (MUGNOL, 2009, p. 337).

1.3 Aproximando-se da realidade do ensino de trompete

Com a finalidade de investigar o estudo de instrumento de trompete entende-se que a aproximação de um caso é a melhor metodologia para entender uma realidade desconhecida pelo pesquisador e que também é bem abrangente, dado o universo diverso do campo ensino de instrumento musical. A proposta é entrevistar duas pessoas, uma que trabalhe com EAD e a outra que ensine presencialmente para pensar as diferenças da prática, à luz das discussões travadas até este momento.

Segundo Lakatos e Marconi (2003), a investigação de fenômenos da vida real e que demanda pesquisa empírica abrangente, justamente pelo fenômeno não ser bem circunscrito, se beneficia quando se utiliza o estudo de caso. É perspectiva que é muito usada nas ciências humanas, especialmente quando o tema que se quer estudar não tem um limite possível de se definir anteriormente ao aprofundamento da questão. Assim, a proposição de entrevistar pessoas que ensinam trompete se dá como metodologia de aproximação do universo de ensino deste instrumento. E a especificidade de cada professor foi escolhida para trazer luz à questão central da pesquisa, qual seja, diferenças entre o estudo presencial e o EAD.

Um estudo de caso permite acompanhar a perspectiva do participante e dar ênfase ao que ele mesmo diz e considera importante. Diferentemente de pesquisas controladas, é normalmente usado quando não se podem controlar comportamentos relevantes ao entendimento do objeto de estudo. A revisão da literatura e definição clara do propósito do estudo de caso é imprescindível para que a contribuição no final seja científica (LAKATOS e MARCONI, 2003). Assim, no próximo capítulo será feita uma pequena revisão bibliográfica sobre entrevista de pesquisa qualitativa e não-diretiva para depois analisar-se o contexto de cada entrevistado e como isto pode influenciar os resultados. Somente depois de investigar a própria metodologia e o

contexto dos entrevistados é que a análise da entrevista será feita, garantindo uma contribuição, ainda que pequena ao campo de estudos de ensino de instrumentos musicais, em especial do trompete.

1.4 Concluindo o primeiro capítulo

Considerando o conteúdo discutido neste capítulo, as principais conclusões são: Primeiro, a realidade do ensino de instrumentos de sopro no Brasil acontece em ambiente coletivo. Assim, por mais que o ensino individual possa ser pensado e trabalhado, o ensino coletivo é a realidade da maior parte das pessoas que aprendem instrumentos de sopro no país. Este ensino é feito por profissional não especializado e que possui conhecimento generalista de diversos instrumentos musicais. Segundo, deve-se considerar também que o EAD vai além do uso de tecnologia para o ensino e trata-se de um formato de ensino que traz características específicas e é mais adequado a certos casos do que outros. Diferencia-se do ensino presencial por poder ser multidirecional e facilita o aprendizado quando permite *feedback* e dá autonomia ao estudante de gerir seu ritmo de aprendizado. Assim, levando em consideração as premissas, acredita-se que a melhor maneira de investigar o EAD e compará-lo com o ensino presencial é aproximando-se de dois casos, quais sejam, o universo de ensino presencial de um professor e o universo de EAD de outro. O capítulo seguinte se deterá na teoria sobre entrevistas qualitativas e descreverá o processo de criação da entrevista bem como do contexto de vida de cada entrevistado para que, segundo a teoria escolhida, se possa dar conotação científica ao conteúdo produzido junto aos entrevistados.

CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA DE ENTREVISTA QUALITATIVA E NÃO-DIRETIVA

Tendo em vista a opção de fazer entrevistas qualitativas, este capítulo se detém em uma revisão bibliográfica sobre pesquisa qualitativa e entrevista não-diretiva a fim de qualificar o método escolhido e criar aproximação com o objeto de estudo.

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (Minayo, 1993, p. 21)

Falar em ensino musical e diferentes metodologias que podem ser usadas presencialmente e a distância é falar de um universo de pesquisa não quantificável. E para definir melhor o sentido de qualitativo, utiliza-se a definição de Chizzotti (2003, p.221):

o termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível e, após este tirocínio, o autor interpreta e traduz em um texto, zelosamente escrito, com perspicácia e competência científicas, os significados patentes ou ocultos do seu objeto de pesquisa.

Métodos qualitativos valorizam aspectos subjetivos e particularidades de um fenômeno estudado. Funcionam como “um mergulho em profundidade dentro de um grupo ‘bom para pensar’ questões relevantes para o tema estudado” (GOLDENBERG, 2004, p. 50).

E para fazer esse mergulho, optou-se por fazer entrevistas não-diretivas e, para isso, focar-se na cuidadosa descrição e seleção do que será falado por cada entrevistado. Ainda segundo Goldenberg (2004), a entrevista não-diretiva valoriza e respeita a liberdade do entrevistado. Sem subtemas estabelecidos *a priori*, a entrevista se desenvolve segundo os termos do entrevistado e permite descobrir temas talvez não esperados pelo entrevistador. Ao descrever de modo mais fiel possível a fala do entrevistado, bem como seu contexto social –

em especial no que tange o tema pesquisado – espera-se dar caráter científico ao relato cuidadosamente recolhido pelo pesquisador.

2.1 Entrevistas

As entrevistas aconteceram segundo as possibilidades de cada entrevistado. De modo interessante, o entrevistado que prefere o ensino presencial compareceu pessoalmente para dar a entrevista e o entrevistado que entende o EAD como mais uma modalidade de ensino e que se utiliza dessa modalidade para ensinar, deu sua entrevista a distância, via Skype.

As entrevistas seguem ritmos totalmente diferentes devido ao formato de conversa adotado como metodologia de pesquisa. Uma delas é também bem maior porque o entrevistado se atém a falar sobre instrumentistas que conhece atrelado às técnicas que utiliza nos diferentes casos nos quais é chamado a atuar. Já o outro entrevistado se concentra mais no tema de EAD em comparação com o ensino presencial em si.

Cada participante será contextualizado nos itens que se seguem. Nomes fictícios foram usados para identificá-los nesse texto a fim de facilitar a leitura sem que haja identificação direta de cada um deles fora do contexto desta pesquisa.

2.1.1 Entrevistado 1 – Ricardo

Ricardo tem 50 anos e já foi parte de banda militar e municipal. É de Santa Catarina, mas mora no Rio de Janeiro desde os anos 1990 e começou a tocar trompete de ouvido. É hoje um instrumentista renomadíssimo. No começo de sua carreira esteve em banda de sopro e sertanejo. Carrega consigo a filosofia de que os lugares nos quais você toca te trazem a experiência necessária e não necessariamente este lugar precisa ser considerado importante. Até mesmo tocar em um velório pode te trazer um aprendizado que será

necessário mais para frente. Dá aulas desde 2006 e começou a lecionar em orquestra popular. Nesta época dava aulas de técnica direcionada ao repertório.

Ricardo discorre muito tempo sobre a parte prática de seu trabalho de ensino de trompete. Desde como percebe o que o aluno precisa ao escutá-lo ou perguntar o que o aluno deseja de ensinamento até quando se detém a dizer que a gafeira foi uma grande escola e que acredita que haja defasagem de professores de música popular. Diz isso porque entende que faz pouco sentido um professor de música erudita ensinar música popular e percebe a falta que um professor de música popular faz no ensino de trompete quando percebe que as pessoas normalmente só sabem tocar choro e normalmente não sabem tocar grandes temas da música popular.

Também acredita que o ensino presencial proporciona uma facilidade ao ensino do instrumento musical: reparar em algo que o aluno não está fazendo se torna mais fácil. Especialmente quando se pensa em execução. Para ele, identificar problemas que possam vir a causar lesões no aluno só é possível no ensino presencial. Em sua entrevista, discorre longo tempo sobre as metodologias que acha mais adequada a cada caso. Diz que prefere que o aluno o aborde com uma questão específica para que ele possa trabalhar em cima dela, pois, acredita que nem sempre o aluno precise de instruções iniciais para andar em seu percurso.

Ao ouvir sabe pelo som se o aluno estudou ou não ou se há problemas impostação ou fundamento e, partindo desta análise, é que ele direciona suas aulas. Um simples espasmo ou a cara que a pessoa faz pode indicar a falha que precisa ser acompanhada, ao mesmo tempo, uma lição que é rapidamente aprendida já pode ser substituída pela seguinte. Às vezes, o gasto de energia emitindo vento pode estar em desequilíbrio com a vibração, outro fator que Ricardo acredita ser perceptível apenas pessoalmente.

Ao se deter no assunto das técnicas utilizadas, por exemplo, falando de pedir Arban¹ primeiro para resistência ou de não se deter muito tempo no agudo para evitar desgaste desnecessário ou que o lábio fique duro, não defende qualquer posição relativa ao EAD ou presencial para a aplicação destas. E, assim, se torna interessante notar como ao longo de sua fala, apesar de preferir o ensino presencial, Ricardo cita diversas possibilidades de ensinar que são completamente compatíveis com o ensino a distância.

¹ Método para trompete criado por Joseph Jean Baptist Laurent Arban

A exemplo do que diz sobre a necessidade do aluno se fixar ou não em determinada prática a depender de seu conhecimento prévio ou ao apontar como não há como avançar quando percebe que o aluno não estudou.

Mas neste ponto o assunto se expande e entra em temática que o outro entrevistado abordará de forma mais acentuada e que trata das diferenças do EAD. O EAD enquanto ferramenta que se pode usar a qualquer tempo é diferente do EAD que emula a aula presencial sendo ao vivo, porém *online*.

2.1.2 Entrevistado 2 – Alexandre

Alexandre tem 39 anos e é de São Paulo. Músico desde os 15 anos de idade, é hoje também professor universitário. Criou uma plataforma *online* de ensino de música como produto final de sua dissertação de mestrado. As experiências que acumula desde que a plataforma foi criada servem de base para as respostas que dá nesta entrevista, porém, se mostra um interessado em EAD de longa data. Tendo sido aluno EAD e também estudado o tema se detém bastante no tema. Inicialmente já demonstra sua opinião: para ele o EAD apenas tem uma diferença do ensino presencial, a distância.

Para Alexandre, uma aula EAD não tem diferença em relação à aula presencial. O que pode trazer alguma interferência é a qualidade dos equipamentos e conexão com a internet. É possível que um equipamento de microfone ou de vídeo não capte imagens e sons com a qualidade necessária ao bom andamento de uma aula de música. Da mesma forma, uma conexão ruim com a internet pode trazer problemas se a aula tem transmissão ao vivo. E aqui ele marca uma diferença básica em sua opinião: o EAD que disponibiliza conteúdo *online* para os alunos acessarem a hora que quiserem e o EAD que tem a aula como troca instantânea entre aluno e professor.

Para ele, as duas modalidades são necessárias e pertencem a diferentes partes do processo de aprendizagem. Enquanto a aula ao vivo é necessária para tirar dúvidas que inquietam o aluno, dúvidas esta que não lhe permitem evoluir, ela permite ao professor identificar erros que possam prejudicar o aluno lhe causando danos. Já a aula ou materiais que

ficam gravados e disponíveis, não necessitando do acompanhamento em tempo real, estes servem para que o aluno adquira conhecimento, para que se desenvolva no seu ritmo e ainda permite que o aluno retorne a lições ou momentos aos quais não prestou a devida atenção na primeira vez.

Uma das coisas para as quais Alexandre chama a atenção é para o fato de que ao montar uma aula que ficará disponível sem sua presença para monitorar o aluno, é necessário muito cuidado ao plano de aula. É preciso pensar em como se ensinar, ou melhor, pensar no que você mesmo sabe sobre o assunto que deseja ensinar. Cita como exemplo esta entrevista que está dando. O contato que permite *feedback* rápido faz com que se possa explicar bem o que se quer ao ritmo de uma ou duas perguntas de quem está ouvindo. Se a entrevista fosse escrita, ele deveria pensar muito mais em cada resposta para garantir que está completa ou se ela necessitará de complemento para ser entendida.

Em seu caso, ao pensar o passo-a-passo de como ensinar trompete, criou um manual que acompanha as aulas gravadas em seu método de ensino digital. Para o bom aproveitamento das aulas gravadas, o aluno deve ler atentamente o manual no qual constam explicações desde a origem das palavras até o modo como se faz. Embocadura, flexibilidade, articulação, aquecimento e etc., tudo está bem descrito sequencialmente em seu manual.

Alexandre acredita que ao ter acesso a esse conhecimento básico e ter a liberdade de verificar os arquivos com as aulas gravadas a seu bel prazer e ritmo, o sistema EAD oferece grande vantagem frente ao presencial. Isto porque, segundo sua visão, no ensino presencial nem todo o tempo é bem utilizado e, às vezes, somente porque a presença do profissional é superestimada (e também porque envolve dinheiro), aluno e professor se mantêm em uma delonga desnecessária ao aprendizado do instrumento musical.

Segundo Alexandre, muitas das vezes o contato aluno-professor no ensino de música não necessita de uma hora inteira para ser efetivo, importando na maior parte das vezes o tempo de ensaio que o aluno teve antes da próxima lição para que tenha fixado bem a lição anterior. Além disso, uma das coisas que o EAD pode resolver é o acesso ao conhecimento. Seja porque a hora particular de um professor é cara, seja porque o deslocamento inviabiliza o acesso do aluno ao conteúdo desejado.

No EAD de formato que fica disponível *offline*, ao gravar e produzir o material o professor tem um esforço único que pode ser reproduzido uma centena de vezes e enviado para lugares diversos sem que a qualidade se altere. E aí, a continuidade da relação com o professor, seja em momentos presenciais ou em momentos *online* e ao vivo com o professor, é que irá definir se a pessoa está de fato fazendo um curso ou apenas tendo acesso à informação.

Pensando na questão da distância, Alexandre diz que já foi procurado por pessoas da China, dos EUA, da Austrália e mesmo de bairros distantes de onde mora no Rio de Janeiro e pensa em como a disponibilidade de tecnologia e de EAD puderam transpor essa barreira geográfica e proporcionar essa troca, ainda que com suas especificidades.

Uma questão levantada por Alexandre é a da regulamentação. Muitos dos cursos oferecidos como EAD não são regulamentados, desta forma, nem todos eles vão estar preocupados com as possibilidades de *feedback* do aluno ou com um passo-a-passo que de fato dê autonomia ao aluno em seu processo de aprendizado. Um curso regulamentado, necessariamente, envolve alguns encontros presenciais. Este fato pode ser um limitador em alguns casos, mas, dado que os cursos regulamentados necessariamente garantem certificação, o encontro presencial acaba se tornando necessário pelos mesmos motivos que Ricardo já aponta como intrínsecos ao encontro presencial: verificação de possíveis erros de postura ou outros que possam lesionar o aluno. Além disso, diz que o contato presencial é positivo. Há algo de insubstituível no contato presencial.

Ainda sobre a questão da regulamentação, pondera que esta também serve a casos específicos, sendo que nem toda pessoa que deseja aprender um instrumento musical tem necessidade de uma certificação e, deste modo, não vai necessitar de um curso regulamentado.

Em sua argumentação a favor do EAD aponta uma restrição ao ensino musical: ensino de instrumentos que dependem muito do visual e cita como exemplo o violino. Ainda citando essa restrição, acredita que existam soluções possíveis para o caso, como a utilização de mais de uma câmera de vídeo posicionadas de maneira específica para que o professor possa de fato observar os movimentos do aluno. Afinal, no caso de pessoas que estão isoladas geograficamente ou possuem limitações financeiras, o EAD pode ser solução ao evitar que a

pessoa gaste muito dinheiro com locomoção, hospedagem, valor de inscrição em festivais ou aulas presenciais e etc.

2.2 Reflexões sobre as entrevistas

Como se pode observar pelas entrevistas, o EAD pode ser vantajoso a depender da situação. E se Alexandre pode afirmar isso com mais clareza é porque se detém a pensar sobre o assunto com mais vagar dado que é professor EAD, criou seu próprio método de EAD e já estudou o tema previamente. Quando se observa com atenção a entrevista de Ricardo, nota-se que ele se detém em muitos assuntos do ensino de trompete em si, tais como embocadura, flexibilidade, articulação ou resistência e a forma como resolve problemas no processo de ensino-aprendizagem. Dada à característica de suas aulas, de preferir ajudar o aluno naquilo que o mesmo deseja avançar, sua fala é rica em detalhes sobre as técnicas que usa.

Fala mais sobre a metodologia, pois é a forma como trabalha: presencialmente. Sua entrevista é justamente a que dura mais tempo, quase o dobro do tempo da entrevista de Alexandre. E aqui o fator **presença** se faz marcante e suscita outros assuntos e, aparentemente, permite desvios que o encontro *online* parece contornar melhor ou restringir por deixar o desvio com menos significado.

Alexandre não somente fala mais sobre as diferenças entre EAD e ensino presencial como também reflete sobre vantagens de uma modalidade em relação à outra. Isto porque trabalha com EAD e tem histórico de interesse e aprendizado com a modalidade. Sabe também reconhecer o valor do ensino presencial sem que este se imponha como algo maior ou mais nobre; ainda que reconheça que muita gente carregue a ilusão de que a presença do professor garanta um aprendizado melhor. Em sua opinião, esta percepção é equivocada, dado que é o treino e desenvolvimento individual que favorecem o aprendizado necessário para se passar para um próximo passo.

Alexandre aponta como a aula presencial pode servir de estímulo, cita como exemplo um professor de educação física que marca com seu aluno um treino às seis horas da manhã. Ainda que o aluno esteja pouco motivado, o fato de o professor estar lhe esperando

em um horário pouco conveniente pode fazer com que o mesmo não falte à aula. Esse tipo de motivação o EAD não pode trazer e, inclusive, a alta disponibilidade do recurso que está à mão a qualquer momento pode justamente fazer com que o aluno perca a noção de assiduidade/continuidade. Mas, sua fala nos leva ao entendimento que, não somente defende o EAD como apresenta diferenças para justificá-lo em diferentes casos.

2.3 Concluindo o capítulo 2

Como afirmado anteriormente a opção por escolher a metodologia qualitativa foi por permitir um “mergulho no tema estudado”. Esta reflexão pontual e aprofundada permite conclusões que escapam aos métodos quantitativos e também permitem complementá-los. Desta forma, a entrevista com dois professores de trompete e o formato aberto da entrevista permitiu que cada um falasse de seu ofício de maneira a trazer informações não pensadas antes pelo pesquisador. Uma entrevista guiada por perguntas específicas não traria o mesmo parâmetro sobre o EAD. Fica claro que Alexandre é um grande defensor do EAD porque é um grande conhecedor desta modalidade de ensino. Já Ricardo, por ter sua experiência marcada pelo ensino presencial, o defende e faz dele sua escolha de melhor modalidade de ensino. A fala de cada professor mostra que há vantagens e desvantagens nas duas modalidades de ensino, entende-se assim que existem casos nos quais uma modalidade seja mais adequada que a outra, segundo as características da modalidade somadas aos desejos de aprendizado do aluno/ intenções de ensino do professor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa empreendeu uma análise sobre o ensino de trompete a distância e presencial. O percurso percorrido foi o de pensar a história dos instrumentos de sopro para pensar o ensino de trompete em si, posteriormente refletiu sobre diferenças entre o EAD e o ensino presencial para que a análise da pedagogia do trompete EAD e presencial fosse possível. Se a pergunta de pesquisa inicialmente pretendia diferenciar pedagogias do trompete para pensar quais delas se adequam melhor ao formato EAD e ao presencial, após as entrevistas foi possível entender que o EAD tem múltipla finalidade e é em si outra modalidade de ensino que serve a diferentes casos.

Segundo as entrevistas, o ensino presencial é importante para corrigir erros de postura, impostação e outros que podem lesionar o aluno já no começo de sua prática, antes que este venha a se machucar ou tornar esse erro um vício. O ensino presencial também é necessário para as certificações, dado que todo curso EAD regulamentado possui como regra encontros presenciais. Além disso, o ensino presencial apresenta um tradicionalismo que é a percepção que muitos alunos têm de que o encontro com o professor permite um aprendizado mais qualificado, apesar de ambos professores mencionarem que o aprendizado mesmo só ocorre quando o aluno treina bem e autonomamente a lição passada. O ensino presencial também oferece espaço ao novo, ao desviante e àquilo que não estava previsto para a aula. Arrisca-se dizer que ele pode dar espaço para a criatividade e, quando esta for importante, esta modalidade certamente se sobreporá ao EAD.

O EAD se apresenta como uma modalidade de ensino que melhor serve a quem busca informação e aprendizado, mas está geograficamente isolado/distante ou possui restrições financeiras (ou os dois). Além disso, o EAD pode emular uma aula presencial se transmitida ao vivo e permitir o *feedback* simultâneo do aluno ou pode ser um curso que não demanda a presença do professor em tempo real e permite o acesso 24h por dia. A comparação de uma aula presencial com uma aula que emula uma aula presencial pode fazer mais sentido para pensar se uma há vantagem sobre a outra. No caso do EAD que fica disponível através de vídeos, sem a presença do professor, esta comparação perde um pouco do sentido, já que serve a outras finalidades e permite outras formas de aprendizado.

Com as entrevistas se torna notável a importância do que a literatura já apontava sobre o EAD, a necessidade de uma boa interação aluno-professor. Em ambas entrevistas, os professores dão exemplos de alunos que não avançam por não seguirem as dicas do professor e comparecerem à aula sem o devido estudo/treino. O acompanhamento cuidadoso do professor é necessário no EAD ou no presencial. O plano adequado de aula se faz necessário no ensino EAD que fica disponível através de vídeos, pois a demora da correspondência entre professor e aluno exige que a metodologia preveja dificuldades e dúvidas até que elas possam ser de fato sanadas no encontro *online* do aluno com o professor.

Tendo em vista em como a história dos instrumentos de sopro no Brasil se dá em ambiente coletivo de bandas e em como regentes-professores normalmente são pouco qualificados em um instrumento específico, acredita-se que este aluno que já possui instrução musical e deseja aprofundar seus conhecimentos no estudo do trompete pode se beneficiar muito através do EAD. Afinal, além de se beneficiar das potencialidades de tocar em uma banda, este é um aluno que já possui bastante noção do que é básico: respiração, postura, embocadura, flexibilidade e articulação e terá menor probabilidade de desenvolver trejeitos errados e maior chance de desenvolvimento autônomo, dado que já tem conhecimento prévio do instrumento – ainda que básico.

E pensando na ideia do aprendizado coletivo, ainda que o regente-professor tenha conhecimento básico de um instrumento, ele pode atuar como professor-tutor de seus alunos de banda que desejem se empenhar no estudo específico do trompete (ou de outros) via EAD com os cursos que ficam disponíveis *offline* e permitem tal imersão. Assim, pensando especificamente no ensino de trompete, dado o quadro geral do ensino no país, o EAD pode servir de ferramenta de especialização em um instrumento que normalmente é ensinado de forma coletiva e em conjunto com outros instrumentos de sopro.

Esta análise foi possível e chega a esta conclusão, pois está amparada por uma metodologia de pesquisa qualitativa que buscou aprofundar-se numa parte específica de um tema amplo. Ao utilizar-se de entrevista não-diretiva permitiu aos protagonistas do ensino de trompete trazer questões e reflexões não esperadas pelo pesquisador. Mais que diferenças de pedagogia no ensino de trompete em si, o EAD serve a casos diferentes do ensino presencial e esta é a principal contribuição desta pesquisa aos estudos de ensino musical e de instrumentos de sopro.

REFERÊNCIAS

- ALVES, J. R. M. A história da Educação a Distância no Brasil. **Carta Mensal**. Ano 16, n. 82, jun. 2007. Disponível em: <http://www.ipae.com.br/pub/pt/cme/cme_82/index.htm>. Acesso em: 17 set. 2019.
- CHIZZOTTI, A. A Pesquisa Qualitativa em Ciências Humanas e Sociais: Evolução e Desafios. **Revista Portuguesa de Educação**, 2003. Ano/vol. 16, num 2 Universidade do Minho Braga, Portugal pp. 221-236
- GOLDENBERG M. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 8a Edição. Editora Record: Rio de Janeiro e São Paulo, 2004
- GOHN, D. M. A internet em desenvolvimento: vivências digitais e interações síncronas no ensino a distância de instrumentos musicais. **Revista da ABEM**, v. 21, n. 30, 2013.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- MINAYO, M.C.S. **Pesquisa social**: Teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.
- MEHLECKE, Q.T.C.; TAROUÇO, L.M.R. Ambientes de Suporte para Educação a Distância: a mediação para aprendizagem cooperativa. **RENOTE**: revista novas tecnologias na educação [recurso eletrônico]. Porto Alegre, 2003. < [http://www.cinted.ufrgs.br/eventos/cicloartigosfev2003/qu .pdf](http://www.cinted.ufrgs.br/eventos/cicloartigosfev2003/qu.pdf)> Acesso em 28/12/2019.
- MUGNOL, M. A educação a distância no Brasil: conceitos e fundamentos. **Revista Diálogo Educacional**, v. 9, n. 27, p. 335-349, 2009.
- OLIVEIRA, P. L. L. M. G.; CABAU, N. C. F.; COSTA, M. L. F. A Licenciatura em Música na modalidade a distância: reflexões sobre o trabalho do tutor virtual. InFor, Inov. Form., **Revista NEaD-Unesp**, São Paulo, v. 3, n. 2, p.116-131, 2017. ISSN 2525-3476
- SERAFIM, L. L. Modelos pedagógicos no ensino de instrumentos musicais em modalidade a distância: projetando o ensino de instrumentos de sopro. 177 f. 2014. **Dissertação** (Mestrado em Educação Musical) – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.
- WESTERMANN, B. Sobre o ensino de instrumentos musicais a distância e a autonomia do aluno. **Anais do SIMPOM**, n. 1, 2010.